Guerra Nuclear o Dia Anterior. De Hiroshima até hoje: Quem e como nos conduzem à catástrofe.

By Manlio Dinucci
Global Research, February 05, 2019
Zambon Editore

"Copyright Zambon Editore"

Capítulo 1

O NASCIMENTO DA BOMBA

1.1.O bombardeamento atómico de Hiroshima e Nagasaki

«Há dezasseis horas, um avião americano deixou cair uma bomba sobre Hiroshima, uma base importante do exército japonês. [ ] É uma bomba atómica. É uma consolidação da energia fundamental do universo. A força da qual o Sol extrai a sua energia»: assim anuncia o Presidente dos Estados Unidos, Harry Truman, na declaração de 6 de Agosto de 1945. Três dias depois, no discurso radiofónico de 9 de Agosto, explica que «a primeira bomba atómica foi lançada sobre Hiroshima, uma base militar, porque neste primeiro ataque queríamos evitar, o mais possível, o massacre de civis».

Na realidade, Hiroshima não é uma base militar, como também não é Nagasaki, a cidade japonesa sobre a qual os Estados Unidos lançaram a segunda bomba atómica, em 9 de Agosto, o mesmo dia em que o Presidente Truman pronuncia o discurso radiofónico.

A bomba atómica de urânio de 15 kiloton (igual à potência explosiva de 15 mil toneladas de TNT) lançada sobre Hiroshima, sarcasticamente designada de Little Boy (rapazinho), matou imediatamente e nos seis meses seguintes, cerca de 140.000 pessoas – civis, na esmagadora maioria. Mas outras pessoas morreram nos anos seguintes, depois dos efeitos das radiações, embora muitos dos sobreviventes, os *hibakusha*, tenham sofrido efeitos biológicos a longo prazo. O número total de vítimas da bomba de Hiroshima, nos decénios seguintes, é estimado em mais de meio milhão. A bomba atómica de plutónio de cerca de 22 kiloton, lançada sobre Nagasaki, (humoristicamente denominada Fatman = gorducho), mata imediatamente e nos meses seguintes 75.000 pessoas, na grande maioria civis, aos quais se juntaram muitos outros nos anos seguintes, enquanto muitos dos sobreviventes, sofreram os efeitos biológicos a longo prazo.

A justificação oficial do bombardeamento atómico de Hiroshima e Nagasaki é que só assim os Estados Unidos podem forçar o Japão à rendição, sem ter de pagar um preço elevado em vidas americanas. Na realidade o Japão está no limite extremo e não há necessidade de recorrer à bomba atómica para impôr-lhe a rendição. A verdadeira razão é outra. Enquanto Truman está na Conferência de Potsdam (7 de Julho a 2 de Agosto de 1945), juntamente com Churchill e Stalin, é-lhe comunicado secretamente que, a 16 de Julho, foi detonada em New Mexico, a primeira bomba atómica. O Projecto Manhattan, conduzido no máximo

segredo desde Junho de 1942, tinha alcançado a sua meta. Truman tem agora a possibilidade de acabar a guerra com o Japão da maneira mais favorável aos Estados Unidos, impedindo que a União Soviética participe na invasão do Japão, decidida em Potsdam e de expandir, desse modo, a sua influência à região do Pacífico.

Para isso, ordena secretamente que a bomba atómica seja utilizada o mais rápido possível.Em 24 de Julho, dois dias antes da Declaração de Potsdam, na qual se intima o Japão à rendição incondicional, são escolhidas secretamente, como possíveis objectivos, quatro cidades japonesas: Hiroshima (com mais de 250 mil habitantes), Nagasaki (cerca de 200 mil), Kokura e Niigata (cada uma com 150 mil). As condições meteorológicas mais favoráveis, em 6 de Agosto, fazem cair a primeira escolha em Hiroshima. Três dias depois, a escolha cai sobre Nagasaki.

«A decisão de destruir Hiroshima e Nagasaki foi uma decisão política e não, uma decisão militar» (ou seja, não foi ditada pela necessidade de derrotar militarmente o Japão), escreve a jornalista americana, Diana Johnstone. «A posse demonstrada dessa arma dava a Truman uma sensação de poder sentir-se livre para romper a promessa feita aos russos e de pressionar Moscovo, na Europa, de maneira ameaçadora. As bombas de Hiroshima e Nagasaki não mataram, apenas e sem motivo, centenas de milhares de civis. Elas abriram o caminho à Guerra Fria».

Os Estados Unidos procuram tirar a máxima vantagem do facto de, naquele momento, serem os únicos a possuir a arma atómica. Depois de tê-la definido, «a maior conquista que a ciência organizada já tinha realizado na História»,Truman sublinha na declaração de 6 de Agosto que, «mesmo não sendo habitual este governo esconder os seus conhecimentos à comunidade científica mundial, nas actuais circunstâncias, não se pretende divulgar os processos técnicos de produção.»

Ele sublinha, em seguida, que «a energia atómica pode exercer uma influência eficaz para a manutenção da paz mundial». O sentido é claro: dado que os Estados Unidos não pretendem divulgar os processos técnicos de produção, isto significa que serão eles, uma vez terminada a Segunda Guerra Mundial, a garantir a «paz mundial» servindo-se do monopólio das armas nucleares.

Manlio Dinucci

ÍNDICE DO LIVRO

Nota sobre o Autor

Nota da Redacção

1 O nascimento da Bomba

1.1 O bombardeamento atómico de Hiroshima e Nagasaki

1.2 Os efeitos da explosão nuclear sobre uma cidade

1.3 Os efeitos da chuva radioactiva

1.4 O inverno nuclear

2 A corrida aos armamentos nucleares

2.1 O confronto nuclear USA-URSS

2.2 Os mísseis balísticos intercontinentais

2.3 A crise dos mísseis em Cuba e a introdução da China entre as potências nucleares

2.4 A planificação do ataque nuclear

2.5 O Tratado do Espaço Exterior e o Tratado de Não-Proliferação deArmas Nucleares

2.6 Os mísseis balísticos com ogivas múltiplas

2.7 A bomba N

2.8 O Tratado dos Mísseis Anti-balísticos e da limitação das armas estratégicas

2.9 A Bomba secreta de Israel — Parte 1 + Parte 2 + Parte 3

2.10 A introdução da África do Sul, da Índia e do Paquistão entre as potências nucleares

3 O barril de pólvora nuclear

3.1 Um milhão de Hiroshimas

3.2 A «maleta nuclear»

3.3 Os falsos alarmes de ataques nucleares

3.4 Os acidentes com armas nucleares

3.5 Poluição radioactiva dos ensaios e das instalações nucleares

3.6 A ligação entre o nuclear militar e civil

3.7 Os acidentes nas centrais nucleares

3.8 Os movimentos anti-nucleares durante a guerra fria

4 As guerras após a guerra fria

4.1 O mundo numa encruzilhada

4.2 Golfo: a primeira guerra após a guerra fria

4.3 As armas de urânio empobrecido

4.4 A reorientação estratégica dos Estados Unidos

4.5 A reorientação estratégica da NATO

4.6 A intervenção da NATO na crise balcânica e aguerra contra a Jugoslávia

4.7 Campo de teste de bombardeiros de ataque nuclear e uso maciço de armas de urânio empobrecido

4.8 A superação do Artigo 5 e a confirmação da liderança dos EUA.

4.9 O «Novo Modelo de Defesa» da Itália

4.10 A expansão da NATO para Leste, para a Rússia

5 A encenação do desarmamento

5.1 As armas nucleares e o "escudo anti-míssil" na reestruturação das forças dos EUA

5.2 Os tratados START sobre redução de armas estratégicas

5.3 Proibição de testes nucleares e de testes "sub-críticos"

5.4 O Tratado de Moscovo e o novo START

5.5 A introdução da Coreia do Norte nas potências nucleares

5.6 Outros países capazes de fabricar armas nucleares

5.7 As armas químicas e biológicas

6 A nova ofensiva USA/NATO

6.1 11 de Setembro: grande-ataque terrorista via satélite

6.2 11 de Setembro: as falhas da versão oficial

6.3 Afeganistão: o início da «guerra global ao terrorismo»

6.4 A segunda guerra contra o Iraque

6.5 A guerra contra a Líbia

6.6 A guerra oculta contra a Síria e aformação do ISIS

6.7 O golpe de estado na Ucrânia

6.8 As guerras secretas com um rosto humanitário

7 A Europa na frente nuclear

7.1 A Europa no rearmamento nuclear do Prémio Nobel da Paz

7.2 Itália: porta-aviões nuclear USA/NATO no Mediterrâneo

7.3 A B61-12, a nova bomba nuclear USA para a Itália e para a Europa

7.4 A 'escalation' USA/NATO na Europa

7.5 O «escudo» USA sobre a Europa

8 Os cenários do Apócalipse

8.1 A ‘escalation’ qualitativa do confronto nuclear

8.2 A preparação do ‘first strike’ nuclear

8.3 Armas electro-magnéticas e laser e aviões robot espaciais para a guerra nuclear

8.4 A ameaça mortal do plutónio e o aviso não escutado de Fukushima

8.5 A ameaça do terrorismo nuclear

8.6 As nano-armas: potenciais detonadores potenciais da guerra nuclear

9 No dia anterior, enquanto estamos a tempo

9.1 A estratégia do Império Americano do Ocidente

9.2 O sistema bélico planetário dos Estados Unidos da América

9.3 A atracagem da Itália à máquina de guerra USA/NATO

9.4 A desatracagem da Itália da máquina de guerra USA/NATO, para uma Itália soberana e neutra, liberta de armas nucleares

APÊNDICE

Tradutora: Mania Luísa de Vasconcellos

The original source of this article is Zambon Editore
Copyright © Manlio Dinucci, Zambon Editore, 2019

Comment on Global Research Articles on our Facebook page

Become a Member of Global Research

Articles by: Manlio Dinucci

About the author:

Manlio Dinucci est géographe et journaliste. Il a une chronique hebdomadaire “L’art de la guerre” au quotidien italien il manifesto. Parmi ses derniers livres: Geocommunity (en trois tomes) Ed. Zanichelli 2013; Geolaboratorio, Ed. Zanichelli 2014;Se dici guerra…, Ed. Kappa Vu 2014.

Disclaimer: The contents of this article are of sole responsibility of the author(s). The Centre for Research on Globalization will not be responsible for any inaccurate or incorrect statement in this article. The Centre of Research on Globalization grants permission to cross-post Global Research articles on community internet sites as long the source and copyright are acknowledged together with a hyperlink to the original Global Research article. For publication of Global Research articles in print or other forms including commercial internet sites, contact: publications@globalresearch.ca

www.globalresearch.ca contains copyrighted material the use of which has not always been specifically authorized by the copyright owner. We are making such material available to our readers under the provisions of "fair use" in an effort to advance a better understanding of political, economic and social issues. The material on this site is distributed without profit to those who have expressed a prior interest in receiving it for research and educational purposes. If you wish to use copyrighted material for purposes other than "fair use" you must request permission from the copyright owner.

For media inquiries: publications@globalresearch.ca